

**18° CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)**

Grupo de Trabalho: **ENSINO DE SOCIOLOGIA (GT11)**

Título do Trabalho:

**PANELINHAS NA ESCOLA:**

**Consumo Cultural e Sociabilidade entre Jovens no  
Ambiente Educacional**

Irapuan Peixoto Lima Filho

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Junho de 2017

## Panelinhas na Escola: Consumo Cultural e Sociabilidade entre jovens no ambiente educacional

*Irapuan Peixoto Lima Filho*<sup>1</sup>

### Introdução

A escola tem que ser pensada como um espaço social complexo repleto de atores sociais em trocas constantes. A sociabilidade estabelecida no ambiente educacional vai bem além da sala de aula e a Sociologia precisa entender tal dinâmica. Frequentando esse espaço de forma mandatória durante 200 dias por ano, na escola, os jovens criam várias maneiras de se associar, formando pequenos grupos informais que poderíamos chamar de *agrupamentos*, mas são popularmente conhecidos como “panelinhas”, servindo ainda como categoria nativa.

Esse movimento não decorre somente da “necessidade” do jovem estabelecer relações sociais, porém, decorre essencialmente do fato do ambiente escolar ser altamente conflitivo e competitivo. O olhar de fora que vê jovens sorrindo pelos corredores, conversas em grupinhos de quatro ou seis encostados em um canto, outros disputando partidas esportivas (na quadra, em uma mesa etc.) e a relativa “baderna” no momento das aulas, com brincadeiras e conversas paralelas, não enxerga a complexidade por trás desses movimentos.

Quando ingressa no Ensino Médio, quase sempre o jovem vivencia um movimento de ruptura: o Ensino Fundamental é ofertado pelos governos municipais, portanto, funcionam em outras escolas, em outros lugares. Na passagem para o Médio, adentram no sistema estadual de ensino, que reúne, em sua maioria, egressos de várias escolas diferentes<sup>2</sup>.

Adentrando em um novo espaço e com outros desconhecidos, rapidamente esses jovens buscam estabelecer laços de confiança e amizade para se proteger dos conflitos incessantes da escola. Embora o *bullying* seja a expressão extrema

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador do Laboratório de Estudos em Política, Educação e Cultura (LEPEC).

<sup>2</sup> Isto é comprovado quando o Censo Educacional do IBGE (2014) informa que, na cidade de Fortaleza-CE, existem 1.132 escolas de Ensino Fundamental e apenas 308 de Ensino Médio. Em nossa pesquisa, os 108 entrevistados eram egressos de 64 instituições diferentes e a escola que mais apareceu no levantamento exportou apenas 10 alunos. Nenhuma outra instituição gerou mais do que 5 egressos.

desse fenômeno, vários outros também se apresentam de imediato, como a hierarquia entre os anos; a tensão gerada pelas regras instituídas pelo núcleo gestor; a postura de muitos professores, que criam distanciamento ou mesmo expõem preconceitos direcionados aos jovens; e até a disputa de legitimidade criada dentro das próprias agremiações que estes criam.

Minhas pesquisas – vide Lima Filho (2013, 2014) – sugerem que a formação de agrupamentos identitários dentro ambiente escolar (as “panelinhas”), como uma forma de agremiação e de laços de sociabilidade entre jovens com interesses afins, não os exime de conflitos internos. Ao contrário, as disputas são essenciais para a própria existência desses coletivos.

Essas agremiações são motivadas por uma série de elementos agregadores, mas com destaque ao consumo cultural, ou seja, afinidades relacionadas a gêneros musicais, filmes, séries de TV, jogos eletrônicos, literatura juvenil, histórias em quadrinhos etc., por meio do qual realizam trocas simbólicas. Essa “busca por pares” não se limita somente ao espaço escolar, é claro, pois os jovens criam tais agremiações em vários ambientes distintos, ao mesmo tempo em que participam, também, de mais de um desses coletivos ao mesmo tempo. Entretanto, salientamos a importância estratégica daqueles que se formam nas escolas, por serem espaços em que esses atores passam uma grande parte de seu tempo durante certo período da vida.

Apesar dos conflitos poderem ser um dos olhares sob o qual poderia se desenvolver esse estudo, preferimos, num primeiro momento, entender como esses coletivos se formam e se expressam no ambiente escolar, assim como os efeitos desses agrupamentos em tal cotidiano.

Esta pesquisa visa entender, então, como se dá a dinâmica de sociabilidade nessas *panelinhas* e como elas, de certo modo, organizam a movimentação dos jovens no cotidiano escolar. Para tal, foram estudadas duas escolas públicas de Ensino Médio de Fortaleza, Ceará, ao longo de três anos letivos (2014, 2015 e 2016) e utilizadas várias abordagens metodológicas, como observação simples, grupos focais, entrevistas, aplicação de questionários e conversas informais. A pesquisa foi

financiada pelo PIBIC/UFC/CNPq e contou com o auxílio de três bolsistas diferentes nesse período de tempo<sup>3</sup>.

As escolas pesquisadas foram EEFM Arquiteto Rogério Froes e EEEP Professor César Campelo, a primeira de ensino regular, a segunda na modalidade técnica-profissionalizante. Ambas estão localizadas em bairros das periferias de Fortaleza, considerados de baixa renda e têm como características serem consideradas “escolas de bairro”, ou seja, atendem fundamentalmente o público dos bairros circunvizinhos.

### **De que jovem estamos falando?**

O universo de referência da pesquisa envolveu 1.044 alunos matriculados nas duas escolas. Segundo o site *QEdu.org*, o número de matrículas no Ensino Médio do Rogério Froes para o ano de 2015 foi de 615 jovens<sup>4</sup>; divididos nos três turnos: manhã, tarde e noite. O César Campelo tinha 429 jovens matriculados e se trata de uma escola profissional de turno integral.

Os procedimentos de pesquisa tentaram levar em conta essa proporcionalidade dos jovens em relação às séries e aos turnos. Primeiramente, foram realizados 11 grupos focais, sendo 4 no César Campelo e 7 no Rogério Froes, atingindo um total de 66 alunos. Em seguida, foram aplicados 108 questionários nas duas escolas, 41 na primeira e 67 na segunda, visando a amostra de 10% do total de matriculados.

**Quadro 01: Jovens, Matrículas, Questionários e Grupos Focais.**

	César Campelo			Rogério Froes		
	Matrículas	Questionários	Grupos Focais	Matrículas	Questionários	Grupos Focais
<b>1º ano</b>	287	15	2	178	20	2

<sup>3</sup> As bolsistas foram: Camila Maria Cunha de Souza, em 2014; Suianny Andrade de Freitas, em 2015; e Germana Nayara Lopes Lima, em 2016; todas estudantes de graduação em Ciências Sociais na época.

<sup>4</sup> A escola ofertava ainda outras 653 matrículas no Ensino Fundamental II, explicitamente no 7º, 8º e 9º anos. Com mais 91 matriculados no EJA (Educação para Jovens e Adultos), o Rogério Froes totalizava 1.359 estudantes. Contudo, como o foco da pesquisa é o Ensino Médio, tomamos como referência apenas este módulo.

<b>2º ano</b>	191	14	1	149	21	3
<b>3º ano</b>	137	12	1	102	26	2
<b>Total</b>	<b>429</b>	<b>41</b>	<b>4</b>	<b>615</b>	<b>67</b>	<b>7</b>
			<b>24</b> <b>jovens</b>			<b>42 jovens</b>

Fonte: Questionários e Grupos Focais.

Quanto ao perfil dos jovens, existe certa distorção na relação *faixa etária/ano*, mas numa proporção menor do que o esperado. De fato, 15,7% dos alunos possuem mais de 19 anos de idade; porém, 82,4% dos jovens têm entre 15 e 18 anos, dentro de uma faixa aceitável. Quanto à questão étnica, a maioria se define como pardo (65,7%), seguidos por negros (20,4%); e brancos (10,2%), com as demais classificações com menos de 3% cada.

**Quadro 02: Jovens por Faixa-Etária.**

<b>Idades</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>19-21</b>	<b>22-24</b>	<b>+25</b>
<b>Jovens (%)</b>	1,9	25	28,7	18,5	10,2	11,1	3,7	0,9

Fonte: Questionários.

Quanto à religiosidade, a despeito do Brasil ser um país majoritariamente católico, em nossa pesquisa encontramos uma realidade específica: 37% dos entrevistados se afirmaram como protestantes; enquanto 31,5% se disseram católicos; e 25% optaram pela categoria “acredito em alguma coisa, mas não tenho religião”. Outras expressões religiosas, como espiritismo e umbanda, não chegaram a 1% cada uma.

Quanto à renda, o universo pesquisado localiza-se fundamentalmente na baixa renda. Apurados em conjunto, 54,6% dos jovens alegaram ter renda familiar média localizada entre 1 e 2 salários mínimos; mais 17,6% com renda familiar entre 3 e 5 salários; seguido pelo expressivo número de 15,7% dos que alegam viver com menos de 1 salário mínimo. Portanto, 70,3% dos entrevistados viviam em residências com renda familiar média mensal de menos de R\$ 1.576,00.

A renda pode ser completada com uma análise das ocupações dos chefes de famílias desses jovens. Quando observamos o quadro das ocupações declaradas aos chefes de suas famílias, aparecem funções como: empregada doméstica ou diarista (13 ocorrências), auxiliar de serviços gerais ou zeladores (9), pequenos comerciantes ou vendedores ambulantes (6), vigilantes ou vigias (5), pedreiro (4), aposentados (4), garçom (3), costureira (3), pintor (3), motorista (3), dentre outros.

Quando pensamos nas ocupações dos próprios jovens, dos 108 entrevistados, 25,9% declarou trabalhar ou ter um emprego e todos eram do Rogério Froes, porque o fato de funcionar em regime integral, e manter o jovem por 10 horas diárias na instituição contribui para a impossibilidade de ter trabalho e estudar no César Campelo. Considerada em si mesma, o impressionante índice de 41,8% dos jovens daquela escola trabalhava e outros 31,3% afirmaram já ter trabalhado antes. Dessa forma, 73,1% dos jovens do Rogério Froes já tiveram algum tipo de inserção no mercado de trabalho.

A renda que esses jovens trabalhadores ganhavam era ainda mais precarizada do que a de seus pais: 60,7% deles recebia menos de 1 salário mínimo e 28,5% recebe entre 1 e 2 salários. Tal faixa de renda está condizente, ainda, com as ocupações: 25% trabalhavam como recepcionistas ou atendentes; 10,7% como babás; 10,7% como auxiliares administrativos; 7,1% como auxiliares de serviços gerais; e 0,9% como empregada doméstica ou diarista.

### **Consumo cultural e as *panelinhas* como estratégias de sociabilidade**

Ao entrarem no “novo mundo” que é o Ensino Médio, os jovens ingressam em um sistema de hierarquias muito bem definido, no qual cada ano escolar acumula um tipo de poder simbólico sobre os anteriores, o que se reflete nitidamente nas relações com o corpo docente e o núcleo gestor. Dito de outra forma, os jovens dos terceiros anos têm uma série de regalias e privilégios que posicionam uma marca de poder dentro da escola. Esse poder diminui sensivelmente quando se comparam aos do primeiro e segundos anos.

Por isso, logicamente, os calouros, os jovens dos primeiros anos, sofrem bastante nesse ingresso, pois aprendem rapidamente que as regras são mais duramente aplicadas a eles do que àqueles outros. As associações entre os novatos

são rápidas e não demoram mais do que alguns dias para se formarem, pois também são estratégias de fortalecimento e defesa. Na pesquisa, observamos o início do ano letivo de 2016 no César Campelo e percebemos como os jovens calouros chegam “perdidos” com um olhar que mistura deslumbramento e medo. A direção da escola incentivou os veteranos a apadrinharem os recém-chegados, mas estes foram se associando entre si muito rapidamente, percebendo a dinâmica da relação “nós”/ “eles”. Em médio prazo, as relações de amizade dentro da escola terminam quase se restringindo àqueles que compartilham a mesma sala:

A gente conhece pessoas que não são da nossa sala, a gente conversa quando se esbarra com elas, mas eu converso mais é com o [nome] e os meninos da sala. (MENINO 1, 3º A, M, RF).

[O papo com os outros das outras turmas] Não é tão profundo quanto os próximos. É só um papinho mesmo básico. (MENINO 3, 3º A, M, RF).

Uma coisa que eu achei muito legal aqui [escola integral] é porque as salas passam o três anos todos juntos! A gente se considera uma família, eu acho isso muito bonito. Na outra escola [que estudei] ninguém se considerava família; cada ano eram pessoas diferentes, aqui eu acho todo mundo muito unido (MENINA 1, 1º ano, Mecânica, I, CC).

A última fala destaca como o nível de agregação de uma classe pode influenciar na intensidade das relações travadas. No César Campelo, por ser uma Escola Profissional, os estudantes são divididos em cursos, de modo que o 1º ano da turma de Mecânica vai passar todo o Ensino Médio junto; ao contrário de uma escola Regular, na qual a disposição das turmas pode variar ano a ano de acordo com diretrizes do núcleo gestor.

A sala de aula surge como um mobilizador de afinidades. Mesmo facilitada pela ocupação de um mesmo espaço – a sala de aula – a sociabilidade é fundamentalmente guiada pelas afinidades em comum. Os jovens percebem isso claramente. Ao perguntarmos o que os une às agremiações com amigos, respondem:

Os gostos de música, da mesma adrenalina. (MENINO 4, 3º A, M, RF).

Estilo de vida. (...) Opiniões... quase sempre são iguais. (...) Mas é muita música também. (MENINO 3, 3º A, M, RF).

Essas afinidades são em grande parte mediadas pelo consumo de bens culturais. Não raro, essas associações miram signos agregadores visíveis, que passam por pequenos adornos – uma pulseira nas cores vermelho, amarelo e verde,

que identificam aqueles que gostam da música reggae; um colar com a logomarca de uma banda de heavy metal – ou a expressão de “gostos” por meio de diálogos e/ou observação. É comum que essas associações entre os jovens se tornem duradouras pelo menos a pequenos grupos durante o Ensino Médio, reforçando laços e as ações decorrentes da agremiação em si.

A pesquisa demonstrou que os jovens percebem essas agremiações como um “desenvolvimento natural” das amizades, não percebendo ainda o forte poder socializador dos bens de consumo cultural que animam tais associações. Talvez isso ajude a explicar porque a maioria dos jovens (71,7%) respondeu que não participa de nenhum grupo dentro da escola, mesmo com opções como *roqueiros*, *leitores de HQs* etc. Aparentemente, os entrevistados associavam a palavra “grupo” a uma formalidade que não seria necessária; por isso, afirmavam na maioria dos casos agremiações dessa natureza, como *grêmios estudantis*, *grupos de orações* e *grupos de evangélicos* (2,8% para cada um) ou um *time esportivo* (7,5% - quase sempre de futebol formado na própria escola para a disputa de torneios) e *torcidas de times* (3,8% - identificados com as Torcidas Organizadas).

Curiosamente, a mesma pergunta quando realizada sobre pertencimento de grupos fora da escola obteve uma quantidade maior de identificações, com o número de respostas de “não participa” caindo para 51,9%. Neste caso, as mesmas opções anteriores apareciam com taxas ainda maiores: *grupos de orações* (9,4%), *grupos de evangélicos* (19,8%), *times esportivos* (10,4%), à exceção de *torcidas de times* (1,9%); mas também aparecendo algumas outras mais associadas ao consumo de bens culturais, como *leitores de HQs* (0,9%), de *Mangás* (1,9%) e *banda de música* (5,7%).

Para além dos números, a observação do cotidiano das escolas permite perceber os jovens agrupando-se em torno das músicas que gostam, compartilhando informações sobre as séries de TV que assistem e discutindo sobre histórias em quadrinhos e os filmes baseados nelas. Os horários reduzidos de intervalo entre as aulas (quase sempre apenas 20 minutos, praticamente inteiramente ocupados com a distribuição do lanche) reduz significativamente o espaço de sociabilidade “ativa” na escola, o que talvez contribua para os jovens darem prioridade aos colegas da própria sala de aula. Afinal, com esse pouco tempo, é preciso um esforço adicional para agregar-se a outros grupos.



Os grupos focais permitiram perceber a existências de diversas agremiações informais no interior das escolas. Em ambas existiam *leitores de HQs* que trocavam impressões sobre as histórias que liam; o mesmo válido para *roqueiros* que partilhavam o envolvimento com o gênero musical e trocavam músicas, impressões e informações em suas conversas; e *jogadores de videogames* que partilhavam macetes das partidas e, às vezes, até competiam em torneios virtuais, organizados pela internet nas madrugadas. No Rogério Froes havia um grupo de jovens dedicados a resolver o mais rápido possível o jogo do cubo mágico e uma turminha de garotos que só se comunicavam entre si em inglês, como um tipo de código secreto.

Os dados dos questionários complementam as informações permitindo notar como se dá o consumo dos bens culturais que servirão de mediadores das relações sociais. Quando perguntados sobre que espaços frequentam em seu tempo livre, as respostas giram em torno de três blocos sólidos. No estrato mais alto, estão locais que reúnem a maioria dos jovens: cinemas (62,2%), praias e *shoppings centers* (estes empatados com 56,7%) e lanchonetes (52,2%). Em seguida, temos um bloco de atrativos intermediários, como igrejas (38,9%), praças públicas (26,7%), restaurantes (21,1% - com destaque às pizzarias), academias de ginástica (20%), concertos de música (20%), *shows* musicais em bares e boates (17,8%) e centros culturais (14,4). Por fim, o terceiro bloco de espaços é mais pulverizado, todos com menos de 7% de ocorrências, com bares, livrarias, bibliotecas e *lan-houses*.

Analisar essas respostas revela muito sobre o cotidiano dos jovens em idade escolar. Algo que se destaca é a forte territorialidade ao qual estão submetidos. Em complemento ao fato de morarem relativamente próximos à escola, os jovens também se sociabilizam e se divertem perto de casa. Quando consideramos a frequência aos *shoppings centers*, por exemplo, percebemos que os entrevistados do César Campelo responderam, sem exceção, apenas três estabelecimentos: os *shoppings* Parangaba, Jóquei Clube e North Shopping, que ficam na mesma zona na qual vivem. De modo similar, os estudantes do Rogério Froes frequentavam os *shoppings* Riomar, Iguatemi, Aldeota e Del Paseo, que ficam mais próximos de suas residências; embora neste caso, tenha aparecido duas exceções: uma para o Shopping Benfica e outra para o Shopping Parangaba.

Apesar da frequência comum a “diversões” tipicamente juvenis, como cinemas e *shoppings*, chama a atenção o alto índices de diversões noturnas, que envolvem sair de casa e provavelmente, chegar tarde em casa e consumir bebidas alcoólicas, como os *shows* e os bares. Também não é desprezível a frequência a equipamentos como centros culturais, que em Fortaleza são sempre de natureza pública, mantidos pela Prefeitura ou o Governo do Estado, como os CUCAs (Centros Urbanos de Arte e Cultura), o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ) e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC). Esses equipamentos oferecem uma gama imensa de programações, como música, teatro, dança, filmes etc., servindo ainda como espaço de sociabilidade.

Por outro lado, as respostas mostram que os jovens têm acesso a determinados tipos de consumo que não seriam esperados de uma caricatura das populações de baixa renda, como a ida ao cinema ou frequentar uma academia de ginástica. Isso mostra que as últimas décadas permitiram o acesso ao consumo de modo diferenciado mesmo para a classe pobre, conforme irão confirmar outros dados apresentados adiante.

Chega a ser curioso como um equipamento como as *lan-houses*, lojas nas quais se têm acesso à internet e a computadores, aparecem com uma frequência muito baixa na pesquisa (3,3%), o que demonstra que o uso dos *smartphones* com acesso à rede torna aquelas supérfluas à maioria do público, permanecendo como interessante apenas àqueles que jogam jogos eletrônicos. Nada menos do que 78,7% dos jovens afirmaram usar o celular para acessar a internet, sendo que 40% utilizam o aparelho para jogos eletrônicos e 27,4% para assistir séries de TV. Além disso, é importante frisar que, do total de jovens, 46,2% tinham *notebooks* em casa, 43,5% tinham *tablets*, 37,03% computador pessoal (*PC*) e 29,6% aparelho de *videogame*<sup>5</sup>.

Ainda quanto à circulação dos jovens pela cidade e o modo como a consomem, é interessante notar que quando questionados a que tipo de evento (de grande porte) costumam frequentar, 32,2% responderam que vão ao Réveillon da Praia de Iracema, festa já tradicional do calendário da cidade, que atrai grande número de turistas e reuniu aproximadamente 1 milhão de pessoas em sua edição

---

<sup>5</sup> Destacando ainda a pequena, mas significativa, presença daqueles que afirmaram ter dois ou mais *PCs* em casa (5 jovens), dois ou mais *tablets* (6), dois ou mais *notebooks* (6) e dois *videogames* (2).

de 2017, segundo o jornal *Diário do Nordeste*<sup>6</sup>. O dado mostra como a população em geral, mesmo de baixa renda, consegue aproveitar a programação gratuita oferecida pelo poder público para a cidade.

Outros eventos frequentados pelos jovens das escolas pesquisadas são festivais de música e jogos de futebol em estádios, ambos empatados com 22,2%. Novamente quebrando mitos, surpreende que 20% deles afirmaram frequentar a Bienal do Livro do Ceará, demonstrando o interesse da juventude pela literatura. De modo similar, o evento SANA, dedicado à cultura pop relacionada às histórias em quadrinhos, os *mangás* japoneses e os filmes e desenhos animados influenciados por eles, obteve uma frequência de 16,7%. Por fim, tendo em vista o alto grau de religiosidade da maioria dos pesquisados, eventos religiosos em geral também aparecem em destaque com 20%, enquanto outros mais específicos, como o Halleluiah (uma festa que transcorre de modo paralelo e opositor ao Fortal, a grande micareta da cidade) tenha atingido 13,3%.

Quando questionados o que gostam de fazer no tempo livre, a maioria das respostas se direciona ao *consumo de bens culturais*, o que mostra como estes elementos são importantes e fundamentais não somente ao lazer, mas também à sociabilidade dos mesmos.

**Quadro 03: Atividades que gosta de fazer no tempo livre (Múltipla escolha)**

Atividades	Porcentagem
Ouvir música	70,1
Usar redes sociais	61,7
Usar a internet	59,8
Assistir filmes	54,2
Assistir séries e seriados	47,7
Assistir TV (em geral)	44,9
Se reunir com amigos	42,1
Namorar	39,3
Ler livros	30,8
Frequentar a igreja ou eventos religiosos	29,9
Praticar esportes (em geral)	26,2
Jogar jogos eletrônicos ( <i>videogames</i> )	23,4
Ir a festas	23,4
Ler <i>Mangás</i>	16,6
Ler HQs	13,8
Andar de bicicleta	7,5
Surfar	5,6
Andar de skate	4,7
NS/NR	0

<sup>6</sup> <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/reveillon-no-aterro-da-praia-de-iracema-reune-1-milhao-1.1679369>>

<b>Outros</b>	10,3
---------------	------

Fonte: Questionários.

### **O campo da leitura e a transferência de capital cultural em meio ao consumo de bens simbólicos**

Existe um destaque a ouvir música como um passatempo importante a 70,1% dos jovens, o que combina-se a outros bens como filmes e séries de TV. Enquanto usar a internet e as redes sociais está bastante vinculado a novas formas de comunicação, também há uma fração desse uso destinada aos *bens culturais* propriamente ditos. É curioso que esses elementos citados apareçam à frente de alternativas como *se reunir com amigos* e *namorar*, especialmente quando se considera que a sociabilidade é um elemento muito forte na vida juvenil, conforme a literatura especializada. Algumas respostas geraram surpresas: o índice daqueles que gostam de jogos eletrônicos é expressivo (23,4%), porém, ainda assim, foi inferior àqueles que relataram preferir ler livros (30,8%). Este dado ainda é reforçado pela porcentagem daqueles que gostam de ler *mangás* (16,6%) e HQs (13,8%)<sup>7</sup>.

Tal qual a frequência à Bienal do Livro, esses dados mostram que significativa parcela da juventude escolar tem interesse na literatura em geral, mesmo que os índices de leitura no Brasil sejam bastante baixos. É importante notar que atualmente vivemos o aquecimento do mercado de literatura juvenil, muitas vezes associado ao cinema, como as sagas de *Harry Potter*, *Divergente*, *Maze Runner*, *Crepúsculo* e similares, além de outros menos serializados, como *A Culpa é das Estrelas*. Um pouco atrás, o mesmo ocorre com as HQs, cujos super-heróis também chegam de modo cada vez mais frequente e com maior sucesso ao cinema. Tal exposição incentiva parte da juventude a buscar as obras literárias originais e o seu consumo é nada desprezível. Isto também foi perceptível nos grupos focais, quando em um deles encontramos um grupinho de fãs de histórias em quadrinhos:

Eu leio HQ, curto *Mangá*. Eu leio HQ do *The Flash*, do *The Walking Dead*, e eu gosto de ler HQ porque todos os filmes são inspirados em HQs e eu gosto de ver logo a fonte, entendeu?! (MENINO 1, 3º ano A, Manhã, RF).

<sup>7</sup> *Mangás* são as histórias em quadrinho japonesas, geralmente impressas em preto e branco e com leitura da direita para a esquerda, tal qual à moda japonesa. Diferentemente das HQs norte-americanas (geralmente pautadas nos super-heróis das editoras Marvel e DC Comics), os *mangás* contêm arcos únicos que se encerram após determinado número de edições.

Eu sou aficionado por HQ, o que eu curto mais é Marvel. Mas também adoro DC. (MENINO 2, 3º ano A, Manhã, RF).

[Pergunta: E vocês trocam revista entre si?].

Eu não sou nem louco! (MENINO 2, 3º ano A, Manhã, RF).

[Pergunta: É colecionador, né?].

[Balança a cabeça afirmativamente] Ai não dá [para emprestar]. Se tiver um amassadozinho, já...[fica com raiva]. (MENINO 2, 3º ano A, Manhã, RF).

É porque não tem esse costume de trocar nada! É bem difícil achar uma pessoa que troque revista. (MENINO 3, 3º ano A, Manhã, RF).

Eu até já troquei, mas aí depois, no outro dia, a revista tá com a capa amassada e, pro cara que coleciona, é bem difícil, pegar uma capa amassada. (MENINO 2, 3º ano A, Manhã, RF).

E até porque tem internet hoje e tá tudo mais acessível. (MENINO 3, 3º ano A, Manhã, RF).

[Pergunta: E vocês conversam sobre quadrinhos aqui na escola?].

Muito. Até demais [risos]. (MENINO 3, 3º ano A, Manhã, RF).

A conversa demonstra como colecionar revistas é um hábito de grande importância para aqueles que o fazem, ao ponto de que emprestar um item é proibitivo porque o outro não trata o objeto com o mesmo zelo e distinção que o colecionador e isso causa sofrimento e desentendimentos. Além disso, também fica claro que o acesso às HQs e *mangás* é muito facilitado pela possibilidade de *downloads* na internet, os chamados *scans*. Tal qual com a música, não apenas revistas, mas coleções inteiras podem ser facilmente acessadas na rede e lidas diretamente nos sítios ou baixando para o dispositivo. Também existem aplicativos especializados para celulares.

Nos questionários, daqueles que afirmaram gostar de ler HQs e *mangás*, 57,1% baixa o conteúdo integral das revistas pela internet, enquanto os que compram em bancas de jornal e livrarias correspondem a apenas 42,8% e 19,04%, respectivamente<sup>8</sup>.

Apenas para informar que o caso acima não é isolado, outro grupo focal também encontrou o tema, embora com um foco maior para a literatura juvenil:

[Pergunta: Vocês gostam de ler alguma coisa?].

Eu gosto! (MENINA 2, 1º ano A, Manhã, RF).

[Outros acenam afirmativamente com a cabeça].

<sup>8</sup> Dentre os que leem, a preferência é a seguinte: *mangás* (57,1%), super-heróis (47,6%), Turma da Mônica Jovem/ *mangá* (47,6%), Turma da Mônica tradicional/ HQ (38,09%), dentre alguns outros.

[Pergunta: Vocês gostam de ler o quê?].

Livros *assim* de romance. (MENINA 2, 1º ano A, Manhã, RF).

[Pergunta: Tipo “A culpa é das estrelas”?].

Já li [esse], [mas também] de batalha, *assim* essas coisas. (MENINA 2, 1º ano A, Manhã, RF).

De investigação. (MENINO 4, 1º ano A, Manhã, RF).

O Colecionador de sonhos. (MENINA 1, 1º ano A, Manhã, RF).

[Pergunta: E quadrinhos vocês leem?].

Dragão Ball Z. MENINO 1, 1º ano A, Manhã, RF).

Turma da Mônica. (MENINO 2, 1º ano A, Manhã, RF).

Dragon Ball. (MENINO 4, 1º ano A, Manhã, RF).

Considerando que o *consumo de bens culturais* é um elemento agregador na sociabilidade juvenil, é interessante perceber também que a leitura é um índice diferenciado quanto ao capital cultural que pode ser agregado pelo sujeito. A informação da baixa escolaridade dos pais sugere que esses sujeitos estão ampliando seu capital cultural muito além daquilo que herdaram.

Outra coisa interessante é o tipo de associação entre os tipos de consumo. Podemos afirmar que há determinados tipos de bens culturais que são mais propensos ao acúmulo de capital cultural, como é o caso da leitura, *assim* como percebemos que outros bens também estão diretamente associados àqueles. Na pesquisa criamos um campo de análise relacionado à leitura, relacionando os jovens que afirmaram gostar de ler livros no tempo livre, *assim* como histórias em quadrinhos e *mangás*, e o indicador complementar de eventos que estão diretamente relacionados a essas leituras, no caso a Bienal do Livro e eventos como o SANA, AnimeFest e AnimeMaster, que ocorrem com frequência na cidade. Com isso, notamos que o expressivo número de 46,2% dos jovens estão envolvidos com o que chamamos de campo da leitura.

Cruzando esses dados, nota-se que dentre aqueles que afirmavam gostar de frequentar a Bienal do Livro, 72,7% afirmaram gostar de ler livros como lazer, mostrando que os dois elementos estão mesmo associados. Ainda quanto a ida à Bienal, 31,8% liam HQs e 27,2% liam *mangá*, índices substancialmente maiores do que a média geral para os mesmos itens. No campo específico da narrativa ilustrada, dentre aqueles que frequentam o SANA, 73,3% liam *mangás* e 46,6% liam

HQs, novamente mais altos. Dos que vão à Bienal ou ao SANA e não afirmaram nenhum tipo de leitura como lazer foram apenas 12%.

Em minhas pesquisas anteriores com a juventude, sempre apareceu sugerido uma conexão entre os universos do rock com o que poderíamos chamar grosseiramente de "cultura nerd", ou seja, aquela relacionada a quadrinhos, *mangás*, *videogames* e algumas séries de TV (especialmente de fantasia e aventura). Os dados das duas escolas parecem sugerir isso também: quando consideramos os *roqueiros* (aqueles que apontaram o rock como sua música favorita), 64,4% estão envolvidos com o mundo da leitura, ou seja, afirmaram ler livros, HQs, *mangás* ou pelo menos frequentar a Bienal ou o SANA. Dentre estes, especificamente, 60% liam livros, enquanto 35% liam HQs e *mangás*. Comparando com os gêneros musicais mais apontados na preferência entre os jovens analisados, se vê que os *roqueiros* têm um hábito de leitura maior do que os outros tipos de fãs de música, já que a proporção entre os que gostavam de ler era a seguinte: 46,1% para os que gostavam de música pop, 31,7% para música eletrônica, 30% para gospel e 15,3% para forró.

O universo da leitura de quadrinhos também está intrinsecamente ligado aquele dos jogos eletrônicos e da preferência por séries de TV. Dentre aqueles que jogam jogos eletrônicos, por exemplo, 40% também liam HQs ou *mangás*. Invertendo as comparações, é ainda mais impressionante: dos que liam HQs, 93,3% também gostavam de séries de TV e 60% jogavam videogames; dentre os que liam *mangás*, a proporção aos mesmos itens era de 77,7% e 50%, respectivamente.

Para nossa surpresa, quando associamos os jovens classificados dentro do que chamamos de universo da leitura, a divisão entre aqueles que sempre estudaram em escolas públicas com aqueles que tiveram pelo menos um mínimo contato com instituições privadas não foi significativa em relação à média geral: dentre os envolvidos com a leitura, 78% sempre estudaram na escola pública, enquanto 22% estiveram pelo menos um ano em uma instituição privada. Cabe lembrar que o índice da amostra geral dessas duas experiências é quase igual: 78,5% e 21,5%.

Isso quer dizer que, se podemos considerar o *universo da leitura* como um instrumento de maior acúmulo de capital cultural para além daquele herdado, ter

estudado em escolas particulares não faz muita diferença dentro da amostra pesquisada.

Podemos pensar que mães mais instruídas (com o Ensino Médio incompleto ou completo) tendem a investir mais na carreira escolar dos filhos, pois enquanto a média da amostra diz que 32,7% dos jovens tinham as mães nessa situação, aqueles que estudaram pelo menos um ano em uma escola particular apresentavam índice melhor, com 54,5%. Todavia, quando cruzamos esses dados com os jovens envolvidos com o *universo da leitura*, os índices são menores: apenas 40% das mães tinham aquele nível educacional. Isso parece indicar que o fato da mãe ter mais anos de estudo não é um fator preponderante para levar os filhos à leitura para além dos livros didáticos.

Quando fazemos o recorte da divisão *público versus privado* quanto à escolaridade da mãe, percebemos que a divisão se dá exatamente meio a meio. O que parece realmente um diferencial é que, apesar do número dos jovens que estudaram pelo menos um ano em escolas privadas seja menor, quase todos tinham mães naquele nível educacional mais alto; à exceção de um único caso, no qual tinha nível superior incompleto. Então, podemos concluir que todos os jovens classificados dentro do *universo de leitura* que tiveram algum ano de estudo em uma escola particular tinham também mães com mais anos de estudo, a partir do Ensino Médio incompleto.

Isso mostra, por outro lado, que a outra metade dos jovens do *campo da leitura* que tinham a mãe com mais anos de estudo e vinham da escola pública tiveram pais que não investiram tanto assim na carreira escolar dos filhos, mas estes ainda assim chegaram ao potencial aumento de capital cultural.

Há diferenças entre as escolas, porém, dentro do *universo da leitura*. Os jovens do César Campelo tendem a ter uma renda menor (77,7% vivem em famílias com renda de até 2 salários mínimos e 5,5% entre 3 e 5 SM), mas possuem mães (neste universo) significativamente com mais anos de estudo: 66% delas com Ensino Médio incompleto ou incompleto mais 11,1% com Ensino Superior incompleto ou completo. Enquanto isso, os jovens do Rogério Froes têm renda maior (71,8% com até 2 SM e 21,8% entre 3 a 5 SM), porém, a maioria de suas mães atingiu apenas o Ensino Fundamental incompleto ou completo (38%) e um número menor chegou ao Ensino Médio incompleto ou completo (25%).



Como 45% dos jovens pesquisados do César Campelo estão dentro do universo da leitura e 47,05% do Rogério Froes também, podemos considerar que, nesta realidade específica, a renda parece importar mais do que os anos de estudo da mãe, embora ambos sejam indicadores importantes para garantir o aumento do capital cultural.

Se ter estudado em escola particular não é um diferencial quanto ao acúmulo de capital cultural relacionado à leitura, o que seria? Esta foi uma pergunta que nos perseguiu na análise dos dados. Já tínhamos visto que há uma relação entre o gosto por músicas como rock e pop – que são gêneros relacionados ao mundo globalizado – e as tendências à leitura.

Porém, o que chamou a atenção foi quando cruzamos os dados do *universo da leitura* com as opções religiosas dos jovens. Identificamos que 26% desses jovens eram protestantes, 24% não tinham uma religião definida e 8% eram católicos; enquanto a média geral dessas mesmas religiões no universo amostral são de 37%, 25% e 31,5%, respectivamente. Assim, fica muito claro que, entre as três formas religiosas mais expressivas, os católicos leem substancialmente menos do que os demais. Entre os protestantes, há perda significativa de 11 pontos percentuais. Todavia, a mínima diferença entre os índices daqueles que não tem religião definida é salutar: quase todos que se colocaram nessa categoria estão também dentro do universo de leitura e, portanto, estão acumulando maior capital cultural fora da herança familiar.

### **Apontamentos finais**

Os dados colhidos nos sugerem – se considerarmos o acesso ao universo da leitura como uma estratégia de maior acúmulo de capital cultural para além do herdado – que estudar em instituições privadas não é um fator determinante ao sucesso, assim como a maior quantidade de anos de estudo da mãe é um elemento importante, porém, o fundamental são as estratégias encontradas pelo próprio sujeito.

Em uma sociedade globalizada e com fácil acesso à informação, o jovem de hoje, mesmo aquele de baixa renda das periferias das grandes cidades, tem à disposição um grande volume de capitais culturais que estão dissociados daqueles

herdados em suas famílias. O fácil acesso à tecnologia e às redes sociais descortina para esse sujeito um sem-número de possibilidades que podem ser usufruídas.

Quando Giddens (2013) procura salientar o papel da agência como um elemento primordial do trânsito do sujeito em meio às estruturas sociais, podemos pensar que os jovens nas escolas públicas também encontram suas estratégias para romper as limitações do capital cultural herdado de suas famílias. Alguns pais fazem sua parte no investimento, outros talvez nem tanto, mas é essencial que o próprio jovem tenha uma postura ativa nesse processo.

Nossos dados parecem apontar que uma parcela significativa dos jovens tem acesso às novas tecnologias e suas possibilidades, no entanto, aqueles envolvidos com o *universo da leitura* estão mais associados não apenas à leitura em si (um campo que envolve livros, histórias em quadrinhos e *mangás*), mas também uma série de *bens de consumo cultural* associados ao mundo globalizado. Isso os mantém conectados com outras juventudes pelo globo que cultuam os mesmos bens, que são séries de TV, jogos eletrônicos, gêneros musicais e, particularmente o *mundo nerd* advindo de livros de sagas juvenis de ação ou personagens algo mitológicos dos super-heróis (em suas versões norteamericanas ou japonesas).

Esse tipo de conexão se materializa muitas vezes por meio de estilos de vida, quando esses bens são portadores de signos, modos de pensar e regras de comportamento que orientam suas sociabilidades por meio da associação em agrupamentos de outros que compartilham as mesmas visões de mundo.

### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Coleção Ciências Sociais da Educação.

CARRANO, Paulo César R. Identidades Culturais Juvenis e Escolas: arenas de conflitos e possibilidades. **Diversia** nº1, CIDPA Valparaíso, Abril 2009, pp. 159-184.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **A constituição da sociedade**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LIMA FILHO, Irapuan P. **Em tudo o que faço, eu procuro ser muito rock and roll: rock, estilo de vida e rebeldia**. Fortaleza: UFC, 2013.

\_\_\_\_\_. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n.º 1, 2014, pp. 103-118.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

**Sites:**

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/reveillon-no-aterro-da-praia-de-iracema-reune-1-milhao-1.1679369>

[http://www.qedu.org.br/escola/55360-arquiteto-rogerio-froes-eefm/censo-escolar?year=2015&dependence=0&localization=0&education\\_stage=0&item=](http://www.qedu.org.br/escola/55360-arquiteto-rogerio-froes-eefm/censo-escolar?year=2015&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=)